

# A PÁTRIA

ORGÃO DO PARTIDO REPUBLICANO

ASSIGNATURA:—Braga, trimestre 240 réis. Pelo correio, semestre 480 rs., anno 960 rs. Para o Brazil, anno 2400 rs. fortes.

Os communicados contendo accusações a particulares, e em geral os escriptos referentes a relações intimas dos cidadãos, não se publicam. A administração reserva o direito de recusar a inserção de quaesquer outras publicações. Os escriptos que envolvam responsabilidade só se publicam quando venham reconhecidos.

ANNUNCIOS E COMMUNICADOS:—Por linha 40 rs., repetições 20 rs. Anúncios annuaes—por contracto especial.

## 31 DE JANEIRO

1891 = 1896

### A FÉ

..... quam soberano  
Conselho é sempre o teu! quam remontado!  
..... o mór saber te cede hamano  
Por mais que de razões vá mais ornado!

Camões — Oitavas.

Librado sempre nos vãos auspícios da fé, que o homem vence dificuldades que não venceria; soffre trabalhos que não soffreria; debella resistencias que não debellaria; e se abalança destemidamente a heroicidades, a que nunca sem a fé se abalançaria.

Nem é também grandioso no campo da politica o homem, salientando-se denodado á sombra do estandarte em que milita, senão galvanizado pela fé que o anima e vitalisa, o esforça o e encoraja.

Quem robusteceu d'animo os nossos extenuados defensores das liberdades patrias, vencidos em desar da sorte no campo da lucta fratricida — e torturados desde logo com as perseguições atrozes do despotismo e as vindictas sangrentas da tyrannia — apenas iniciada que fôra a usurpação realenga entre nós em 1828. .... quem os robusteceu a elles de coragem, (insistimos na repetição), a esses martyres do ideal liberal, para trocarem amargurados o solo da patria por um solo estranho, vivendo ali vida de privações acerbas entre saudades insupportaveis do lar, á força abandonado?

A fé na resurreição da patria! — A fé no desforço da liberdade ultrajada em holocausto vingador da liberdade opprimida!

Quem attraheu magicamente aos rochedos ingremes da ilha Terceira os expatriados martyres da liberdade, onde nem sequer lhes era sem perigos o oceano que os rodeava, e apenas podiam confiar tranquilos no firmamento que os acobertava de dia e de noite?

A fé na resurreição da patria! — A fé no desforço da liberdade ultrajada em holocausto vingador da liberdade opprimida!

Quem norteou arrojadamente, através do oceano onduloso, a esquadriha flamulosa dos libertadores da patria oppressa, trazendo-os a salvo dos Açores ás praias do Mindello em Arnosa de Pampelido?

A fé na resurreição da patria! — A fé no desforço da liberdade ultrajada em holocausto vingador da liberdade opprimida!

Quem deu coragem denodada aos extenuados guerreiros do desembar-

que arrojado, não passando elles de 7.500 brayos — da tempera embora dos tresentos heroes de Leonidas nos desfiladeiros das Thermopilas — achando-se em frente de 80.000 bayonetas liberticidas, afiadas á larga nas mãos do despotismo entre lagrymas de tyrannizados?

A fé na resurreição da patria! — A fé no desforço da liberdade ultrajada em holocausto vingador da liberdade opprimida!

Quem galvanizou os heroes do assedio apertadissimo da cidade intemerata do Porto — coberta de dia e de noite com cerrada abobada de meiralha; extenuada constantemente com as privações da fome; e rareada nas fileiras dos seus defensores, instante a instante, com o sopro mortifero da peste. .... quem os galvanizou a elles, (insistimos na repetição), a esses heroes escapos á intolerancia absolutista, que tymbrava em conflagrar a nação com o facho da tyrannia, atulhando de perseguidos os carceres do paiz e alastrand-o de martyres os estrados dos patibulos?

A fé na resurreição da patria! — A fé no desforço da liberdade ultrajada em holocausto vingador da liberdade opprimida!

Pois bem; é também a fé na resurreição da patria — a fé no desforço da liberdade ultrajada em holocausto vingador da liberdade opprimida — quem aggrema em vinculos indissolueis os republicanos patrios; escandalizados altamente com os despotismos dos poderes publicos, com os desmandos dos prevaricadores não punidos, com os favoritismos aos apaniguados sem meritos, com as peas á expressão franca do pensamento, e com as algemas á liberdade de reunião — forçando-os ainda a dirigir continuamente ao poder superior do estado, embora sem esperanza de resposta condigna, este distincto pungente das *Vépres Siciliennes*:

D'ouviént que sôn ministre avec impunité  
Ose porter les mains sur notre liberté!...

(Quem deu poder ao ministro,  
Fiado na impunidade,  
D'o pulso pôsar sinistro  
Sobre a nossa liberdade?)

Desenganam-se por consequencia os despotas e os tyrannos. — Nem se illudam a si proprios os monarchas, que não têm sempre na memoria este quarteto sentencioso de *Camões nos Lusíadas*:

Oh! quanto deve o rei, que bem governa,  
D'olhar que os conselheiros, ou privados,  
De consciencia e de virtude interna,  
E de sincero amor sejam dotados!...

E não digam que não era também o *Camões* um consumado politico! Desenganam-se, repetimol-o de novo.

Não ha ergastulos para o pensamento, nem gargalheiras para a liberdade, nem algemas para o progresso.

E é firmes e intemeratos na fé que os galvanizava, que os republicanos patrios exclamam hoje unisonos em commemoração d'uma data inolvidavel, esperancados n'outra de triumpho no porvir:

Ninguém pôde ao sol que nasce  
Ordenar esconda a face,  
Deixando d'esplendecer!  
Pois também da liberdade  
Ninguém pôde a magestade  
No seu giro entorpecer!

Pôde a luz perder o brilho:  
Pôde o sol errar o trilho;  
Mas eserava Lysia... não!  
Pôde o ceo ficar sem astros:  
Mas Lysia, a patria dos Castros,  
Ou é livré ou morre então!

A Redacção.

### A jornada de 31

A crise, desde longos annos prevista e annunciada por quem seguia com attenção a marcha das cousas publicas em Portugal, foi aberta politicamente com o brutal *ultimatum* da Inglaterra em 11 de Janeiro de 1890, e revelada com toda a sua assustadora profundidade no anno seguinte, quando o Banco de Portugal se recusou, com auctorisação do governo, a honrar as suas notas convertiveis á vista em ouro e prata.

Foi antes da crise ter attingido toda a sua gravidade financeira e economica, embora a situação sob este duplo aspecto fosse cada vez mais tenue, que rebentou no Porto a revolta militar de 31 de Janeiro de 1891, movimento patriotico suffocado logo á nascença.

Plenamente justificada pelos successos lamentaveis, que nos negocios internos e externos da governação do paiz assignalaram o anno de 1890, a revolta de 31 de Janeiro, que proclamou pela primeira vez em Portugal a Republica, mullugrou-se por prematura.

Não deixará por isso de ficar registada nos annaes da historia patria, como uma iniciativa gloriosa, apesar de mal succedida.

A gloriosa revolução de 1820, foi

precedida pela conspiração de 1817, que o governo da regencia estrangulou com infame e horrivel barbaridade.

Antes da expedição liberal desembarcada em 8 de Julho de 1832 nas praias do Mindello para implantar á força o constitucionalismo no continente, já se dera no Porto a revolta de 18 de Maio de 1828, a que adheriram muitas tropas do norte, e que foi vencida pelos erros dos chefes liberaes, e em Lisboa, na noite de 21 para 22 de Agosto de 1831, a revolta do regimento de infantaria 4, logo suffocada.

A insurreição *patulea*, a revolução da Maria da Fonte, em Maio de 1846, foi também precedida, dois annos antes, pela revolta de uma parte de cavallaria 4, em Torres Novas, por iniciativa de Antonio Cesar de Vasconcellos e José Esteyão, no dia 4 de Fevereiro, á qual adheriram alguns regimentos, mas que foi pouco depois vencida pelas tropas do governo.

Como todas estas revoltas mallogradas, que antecederam as revoluções triumphantes, a revolução de 31 de Janeiro de 1891 foi realmente prematura.

Se a Republica tivesse sahido vencedora d'aquella gloriosa jornada, não teria por ventura succumbido, pouco tempo depois, esmagada pela espantosa derrocada financeira e economica que se preparava, e não arrostaria com o odio de toda a poirdridão moral que os posteriores successos trouxeram á superficie, e que era obra da corrupção monarchica, exercida por dilatados annos?

A implantação da Republica, antes da grande crise ter chegado ao seu auge, desviaria erroneamente a attenção publica, da verdadeira causa de todo mal.

Teixeira Bastos.

### RECORDANDO

QUANDO por todo o paiz resoam brados entusiasticos saudando aquelles que n'essas terras de além-mar, berço fecundo e inolvidavel de antigos feitos dos portuguezes, apanhagem de glorias passadas e de feitos immorredouros, conseguiram, n'estas epochas de fatalidades, elevar o nome portuguez, applicando assim o mais vigoroso pontapé no famoso pirata bretão, nós apesar dos transportes de nossa alma não podemos esquecer que a Democracia está de lucto, e que ha cinco annos um punhado de audaciosos ousou revoltar-se contra o existente batendo-se nas ruas do Porto pela collectividade portugueza.

Hoje vieram d'Africa os nossos soldados cobertos de gloria; é a reprodução dos quadros dos tempos aureos da nossa historia; lembra a epocha de Vasco da Gama, Affonso d'Albuquerque, e outros insignes varões da nossa historia ultramarina.

Ha, porém, uma differença que nos compunge e quasi nos assusta. Uma nuvem compacta e immensa de abutres paira sobre o prestigio alli ganho; e o bretão forja mais uma intriga, trama uma nova rebellião, estuda o meio de nos arrebatat esse retalho que ainda nos deixou a sua insaciavel cubica; e n'essas eras remotas em que descobrimos e conquistamos a maior parte d'Affrica não tinhamos, como hoje, a temer que amanhã o pirata inglez chamasse seu aquillo que nos pertencia; o nosso dominio então estava consolidado de per si; bastava a fama do nome portuguez, o peso das nossas espadas de mistura com a rija tempera dos nossos diplomatas, para que *ninguem* ousasse tocar sequer no que nos pertence.

Hoje tememos e com bem fundados motivos que amanhã a nossa *fidelissima alliada*, a patria classica dos bandeiros de toda a especie, oppondo a Força ao Direito, nos arrebatat mais esse pedaço do nosso dominio ultramarino, inutilizando assim o esforço dos nossos soldados.

Triste contraste!  
Cumpre, portanto, n'esta occasião em que se acabam de festejar os triumphos d'Africa, recordar o 31 de Janeiro de 1891.

Porque todos sabemos que a insurreição de Janeiro teve como causa a questão ingleza, em que nos foi arrebatada uma parte bem preciosa da Africa; sabemos também que o povo vergava sob o peso da affronta vergonhosa do *ultimatum*, e que era necessario protestar ao menos contra o proceder d'aquelles que para servir a Inglaterra coartaram a nossa liberdade.

Se a generosa tentativa abortou na embuscada da rua de Santo Antonio, não deixam os seus intentos de merecer o nosso respeito. Tratava-se de eliminar a causa do nosso mal; ia-se direito ao fim; cortava-se a função.

Derrubada a gente do mando estava salva a honra nacional.  
E hoje, necessario é o mesmo, para que se não vejam inutilizados os feitos dos nossos soldados. Portanto saudando os sobreviventes da infeliz jornada, direi:

Não volva novo anno, sem que os mortos do dia 31 de Janeiro de 1891 sejam glorificados em uma apolloese nacional.

Porto, Janeiro de 1896.

Bernardo Ru nos.



OS HEROES DE 31 DE JANEIRO

Ha cinco annos que uma legião de valentes soldados da Republica lutava energeticamente e denodadamente com os inimigos da Liberdade, Igualdade e Fraternidade!

Ha cinco annos que nas ruas da mui nobre e invicta cidade do Porto corria o sangue d'esses homens que estavam decididos a fazer baquear então os graúdos, afim de que os corruptos delapidadores monarchistas não podessem por mais tempo arruinar e desacreditar a nação portugueza!

Ha cinco annos que os intrepidos soldados republicanos, ao som dos clarins e dos rufos de tambores, expulham o puto ás balas expellidas pelas metralhadoras da Serra do Pilar e ás bayonetas da corrada guarda pretoriana!

Ha cinco annos que a Republica podia estar proclamada em Portugal, se não fosse a cobardia de uns e a traição d'outros!

Ha cinco annos que o capitão Leitão, o sympathico alferes Malheiro e outros, empunhavam com bravura e manejavam com destreza as suas espadas, commandando os militares que lutavam pela patria o não pelo throno!

Ha cinco annos que o povo da capital do norte, seguindo a voz authorisada e altiva do n. 1330 prosado e illustre correligionario dr. Alves da Veiga, possuidor dos sentimentos mais altruistas, tentou corajosamente derrubar existente e seus abjectos servidores!

Ha cinco annos que o Porto, auxiliado por todos os portuguezes patriotas, queria arrancar o nosso paiz do jugo oppressor, tirar o do abysmo em que ainda hoje se está afundando, para que Portugal fosse respeitado novamente pelos estrangeiros, para que voltasse aos seus tempos de heroicidade e bravura!

Ha cinco annos, enfim, que as suas armas, as republicanas, lançavam os seus projectis sobre os inimigos da liberdade da patria, da justiça, da Republica!

A municipal defendia o throno, mas denodados heroes do exercito lutavam pela patria, pela sancta causa da Liberdade!

Que dia tão digno de commemoração!

Que madrugada tão linda devia de ser aquella — a de 31 de Janeiro — em que as trombetas do exercito republicano tocavam a alvorada; os tambores puffavam para encobrir os gritos afflictos dos feridos; o sangue das victimas tingia a rua de Santo Antonio, e os que ainda se achavam com forças e coragem de combater cruzavam as armas e descarregavam-nas sobre os peitos de soldados defensores da realeza, ao som d'aquelle sublime e inspirado hymno patriótico — A Portuguesa!

O estorfar das pedras, os toques guerreiros e o entusiasmo dos democraticas chegaram a todos os cantos do paiz; dentro em poucas horas se ouvia, na mais recôndita aldeia, pronunciar a sublime palavra — Republica!

Chegara a revolução. Uns tentam-na, outros abençoavam-na; uns fugiam d'ella, outros buscavam-na.

Mas a maior parte desejava — não aquella revolução que arruina um paiz inteiro e que a desgraça durante muitos annos — mas sim a revolução transformadora, a revolução que regenera a humanidade, a revolução que sempre trazia ao profetariado — não digo todas — mas algumas regalias, que elle mereco e deseja; todos desejavam a revolução que traz aos povos a civilização, o progresso e a justiça; aquella revolução que nos trazia a riqueza e nos levantava d'este estúpido abysmo; a revolução que levanta o espirito publico d'uma indifferença criminosa, a revolução que nos fazia pertencer ao numero das nações progressivas, acreditadas e civilizadas!

Infelizmente, os seus desejos não foram alcançados na linda madrugada de 31 de Janeiro de 1891.

E necessario, pois, que o partido republicano reúna todas as suas forças, para poder entrar corajosamente na grande luta contra os monarchistas,

mas, contra os grandes, contra todos os inimigos da Liberdade; é necessario, enfim, que esteja sempre disposto para combater os laços do alto, para derrubar os inimigos da Patria!

Fazendo um 31 de Janeiro mais completo, teremos cumprido o nosso dever, como bons republicanos e verdadeiros patriotas.

Viva Alves da Veiga!  
Viva João Chagas!  
Viva o Alferes Malheiro!  
Abalxo a alliança ingleza!  
Viva a Liberdade!  
Tudo pela Patria e pela Republica!

Lisboa. Gonçalves Neves.

A monarchia abre o direito á insurreição; a Republica fecha-o. Victor Hugo.

Anniversario

O trinta e um de Janeiro é patrio dia primeiro que tem sempre de lembrar. Foi o dia da alvorada. Em que fôra iniciada A desforra popular.

Do paiz as regalias Eram negras tyrannias Nas gerencias do poder. Mas o povo sempre oppresso, Ao ver tanto retrocesso, Despertou-se a valer.

Levantou-se denodada, Pelo povo auxiliada. Destemida marcha má. Mas ao sorrir da victoria, Os louros ceifou da gloria. A mais negra e vil traição.

Mas este desaz da sorte Não causou em Lysia a morte Da Republica ao nascer. Causou antes o contrario: Deu no culto anniversario, Fervoroso a mais não ser.

Penamacôr, 22 - 1 - 96.

Lucio Amandio.

31 de Janeiro

A revolta de 31 de Janeiro fôra um insulto cuspidos nas faces alvares e infamissimas dos vendilhões da patria.

Estes precisavam vingar-se; precisav um lavar as ruas do Porto manchadas de sangue com o desinfectante maldicto de uma vingança mesquinha.

Vingaram-se; mas com a sua vingança não conseguiram mais do que abalar-se mais ainda.

Os transportes partiram mar em fôra a levar ao degredo os martyres da Causa Sacrosanta.

Outros cahiram na algidez da campa.

Talvez fossem os mais felizes. E ha já cinco annos!

Dir-se-hia que foi hontem ainda que o Porto foi accordado ao som da Portuguesa e que o povo deslumbrado viu pela primeira vez desfaldado o pendão da Republica.

Depois, veio a batalha.

Esses heroes, a quem alguns chamam loucos e ambiciosos, não recuaram; combateram até a ultima extremidade, defendendo-se denodadamente e defendendo o seu Ideal.

Foram vencidos.

Se vencessem, esses bajuladores que hoje cospem estupidamente a sua baba pegonhenta sobre Elles, haviam de ser os primeiros a rojarem-se-lhes aos pés.

Foram vencidos.

Se o não fossem, esses salafrairos mesmo haviam de levar-os ao cimo da apothecose.

Como foram vencidos, são loucos embociosos.

Braga.

J. Martins da Cunha.

Vae victoribus!

CINCO annos ha que uma legião sagrada levantou as mãos bracejando, na rutilancia das armas, para uma aurora flamejante de justiça, que enrubesceu por momentos os horisontes da Patria n'um arrebol de esperança, em triumpho prestes. Bella flor ideal, regada de affectos generosos e leaes, n'uma dedicação fanatica pela Patria aviltada, essa esperança ganhara raizes em milhares de corações portuguezes. Esboçando-se a principio indistincta n'um ceu vago de chimera, tornou-se dentro em breve a encarnação fiel d'uma ideia grandiosa, patente aos olhos de todos, com altares erguidos no peito heroico de muitos — a Republica!

Para ella caminharam então os legionarios firmes e crentes, n'uma fascinação risonha de illuminados, n'um deslumbramento olympico de ideal, olhos boiando em sol, fronte nadando no azul, labios bebendo a aurora n'uma abalada romantica, como esses briosos cavalleiros da Tavola Redonda, destacando-se na Lenda épica medieval, a caminho d'uma aventura guerreira após uma noite de ballada amorosa, gladios rutilantes ao luar, armaduras reluzentes cortando a nevoa a esfarrapar-se na penumbra brumal da madrugada baça e fria, que vem doirando as janelas altas com os primeiros clarões alaranjados esbatendo-se n'um ceu de anil.

De repente, o inimigo, manhoso e perfido, malvado e facinora, de olhar obliquo, rompe da treva da traição, como um malandro noctambulo, n'um asqueroso arranco de cobardia que envergonharia o poltrão mais vil, e, de arma á cara, como um ladrão de estrada, embarga o passo aos caminheiros da Liberdade, que iam, n'uma alegria de festa, embalados por um hymno patriótico, aclamados pelas multidões, depôr as ofrendas do seu culto, da sua vida se preciso fosse, no altar puro da Democracia!

Cahiram então na praça publica os primeiros martyres da Republica em Portugal. E enquanto sobre os que ficaram para a n'um tragica dos vencidos, prehe de represalias, dando a prover a uns o traço do exilio e alterrolhando outros nas sombra lugubre das cadeiras, aquelle sangue generoso dos que batendo-se como heroes na luta succumbiram, ficou attestando, nas valletas das ruas, em nodosas vermelhas arripiantes como um remorso tremendo, os vestigios d'um crime de emboscada perversa e maligna, que está clamando por inexoravel punição.

Das campas razas dos mortos de 31 de Janeiro levanta-se um pregão de revolta, que deve repercutir clamoroso e vermelho, com um toque de clarim em noite de insurreição, nas nossas almas novas, aureas, que veem d'um passado de aspirações comprimidas para um porvir de emancipação social, como quem vem d'uma noite sinistra de lagrimas para uma aurora rutilante e fulva, de sorrisos francos.

Mas não podia morrer n'essa triste madrugada a ideia santa que já tem a cimental a alguns cadaveres de apostolos — os martyres queridos cuja memoria hoje evocamos com orgulho n'este dissoluto descalabro d'uma monarchia condemnada, decrepita e cam, baleante, que se está degradando e corrompendo n'um monturo infecto de tyrannia e lama. Antes vae gravando mais fundo na consciencia dos fieis sobreviventes um protesto candente de vingança, aguardando para breve o dia da desforra, em desafionta da eterna justiça da Historia que rege os destinos da Humanidade.

Ai, então, dos vencedores de hontem, que serão os vencidos de amanhã! Coimbra, Janeiro de XCVI.

Gonçalves Cerejeira.

Republica

Outr ora em Portugal, ninguem ouvia De Republica o nome sem espanto; Mas hoje entre sorrisos d'alegria Ouve-se o nome d'ella com encanto.

Na aldeia mais central, mais sertaneja, E Republica um nome idolatrado; O povo a quer e ama, e a deseja, Qual thesouro do mundo mais amado.

Braga. J. Duarte.

Vencidos mas nunca convencidos

A patria é morta! a liberdade é morta! Noite negra sem astros, sem pharoes. Ri o estrangeiro odioso á nossa porta, Guarda a imitania os sepulchros de Heroes. Papagáio real diz-me quem passa? — E el-rei... que vae á caça.

Guerra Junqueiro.

CINCO annos! Cinco annos são decorridos depois que um punhado de fanaticos, antepondo o bem estar da patria ao seu proprio bem estar, tentaram resolutamente, desasombradamente, derrubar esse esgroucado e postigo systema governamental que para ahí vegeta corroído pela gangrena do seu proprio organismo e amparado unicamente pela corrupção de uns, pela frequência de outros e pela imbecillidade do maior numero.

Cinco annos! E durante esse longo periodo, quantos maniaes incapazes de expôr a pelle aos perigos de uma bicha de rabiar, tem zanguerreado com o despalante suez de fanfarrões emeritos, torrentes de injurias e sarcasmos, contra esse grapo generoso que tudo arriscou e tudo perdeu, menos o brio, a honra, dignidade, e o patriotismo.

Quantas mordeduras no caracter dos vencidos vivos, e quantos pinotes na memoria dos vencidos mortos! Estão no seu elemento os bonifrates. O que lhes falta em miolos e sangue, superabunda-lhe em cascos. Ha 60 annos que os paes d'esses badamecos que hoje escarnecem, sofriam os martyrios e insultos com que habilitavam os seus descendentes á insolencia e ao parasitismo; e hoje são esses descendentes, sem outra orientação que não seja a ociosidade; e outro sentimento que não seja a ganancia; são esses, que ultrajam os vencidos de uma insurreição liberal, com apodos brutaes que parecem couces, e com gargalhadas alvares que parecem zurros!

Triste é ignobil l.

Esforçados apostolos do porvir? Valerosos precursores da Liberdade, Igualdade e Fraternidade! Nós hoje, como hontem e como sempre, vimos curvar a fronte perante a vossa imagem saudosa, esperando sempre o raiar da Democracia redemptora, para que, com a austeridade dos seus principios, regenera a nossa infeliz patria da podridão moral a que a deixaram descer.

E enquanto o dia da vossa apothecose não surge, que o sangue dos martyres faça robustecer e fructificar a arvore da liberdade, e as saudades dos fieis, seja o lenitivo para os vencidos da hontem, que serão um dia os vencedores.

A razão é a força, mas a força nunca foi razão.

Portanto esperemos...

M. R. (Cincinatus).

31 de Janeiro

(D'um pessimista)

Meus amigos:

31 de Janeiro foi uma alvorada, porque de alvorada teve a cor sangrenta, e porque de alvorada teve o diluvio de luz que inundou o Porto n'aquellas breves horas heroicas.

Relembrar esse dia, essa jornada épica, não cabe nas minhas forças, tão exgotadas por multiplos affazeres.

Eu, meus queridos amigos, dir-vos-hei somente:

«Todo o verdadeiro republicano, como todo o verdadeiro christão adora os seus martyres, deve de adorar os seus heroes, martyres sem igual, que morreram pela Patria, cuja salvação depende só da Ideia que defenderam. Hoje, não é só, porém, dia de lagrimas de dó, mas de lagrimas de vergonha pela a patria de nós todos, que quasi sempre nos desunimos, em vez de nos unirmos.»

Braga, 31-1-96. Gusmão.

APESAR de volvidos alguns annos, chega ainda até nós um eco longinquo de revolta que nos incendeia na alma divinas crencas. O nosso sangue esalda — quer vingar-se; — e distende já com impeto as tunicas que o contem...

Queremos, pois, ouvir novo grito, queremos travar nova lucta, porque esse grito será o despertar d'um povo e a lucta o heroismo d'uma raça ingente...

31 de Janeiro! dia apenas para communhão dos nossos espiritos.

J. Agostinho d'Oliveira.

HONTEM E AMANHÃ

Na pyra das revoluções que se purifica uma nação.

O 31 de Janeiro traz saudades; mas se morreram homens, não morreram crencas.

Esta dacta está escripta no coração de nós todos com o sangue dos apostolos que morreram pela Liberdade.

O primeiro grito foi dado hontem; o segundo seja dado amanhã.

E' na pyra das revoluções que se purifica uma nação.

Coimbra. Moniz d'Andrade.

Sentença

Os grandes acontecimentos d'uma nacionalidade são, na historia, um marco milliario determinando o caminho a seguir aos povos que constituem essa mesma nação.

Se os acontecimentos tem por fim a deshonra dos nacionaes, é claro que o dever civico lhes faz seguir estrada opposta á traçada por aquelles acontecimentos; se, ao contrario, lhes ensina a senda do dever, da honra, da dignidade e do brio, da lealdade, do amor e da honestidade, cabe aos povos seguirem essa estrada, embora urtigada d'espinhos que attestarão, mais alem, o valor do sacrificio, que será dignamente compensado.

Em todos os tempos tem succedido estas provas civicas; e ahí estão a França e o Brazil demonstrando que as suas transformações politicas ao principio, ensombreadas com os negrumes da transição que deviam ser caracteristicas, lhes estão sendo de felicissimo resultado.

E não precisando ir fora de Portugal, que de espinhos não encontraram na Africa os nossos valentes soldados antes de obterem a gloria dos seus feitos heroicos?

Não somos do numero dos que veem tudo por um prisma fascinator, não; o conhecemos um pouco a historia, e nella temos apreendido de sobra, que a gloria dos martyres não se adquire no gabinete perfumado onde as comodidades abrem caminho aos desvarios da humanidade.

E no campo da batalha onde se comprova o heroismo patriótico, vencendo ou morrendo.

Se vencemos, somos heroes.

Se morremos, somos martyres.

Pode vencer-se uma causa prejudicial aos interesses geraes dos povos, ou diga-se, da nação; e neste caso o heroismo muda de nome: chama-se traição, e os vencedores são traidores de lesa-nação.

Pode morrer-se em defesa d'uma causa tambem; mas para os que morrem é que não ha outro nome, que não seja de martyres. E que o homem que morre em defesa d'uma causa, nada mais pode dar do que a vida por ella; e dar a vida por um ideal tanto vale como adquirir a corôa do martyrio.

Pois bem; o dia 31 de Janeiro de 1891 foi um dos grandes acontecimentos, e é o ponto de partida — o marco milliario ensinando nos a estrada do dever. Os martyres d'esse dia, pela causa da democracia, reclamam a sua corôa; os traidores precisam da recompensa de seus feitos. Para aquelles, o nosso amor, a nossa saudade; para estes... «Quem com ferros mata com ferros morre» disse-o Jesus.

Braga, 31-1-96. Gusmão.

J. N.



31 de Janeiro

O desastre da Revolução foi logico. O paiz, que intensamente vibrava ainda n'uma raiva convulsa, sob a affronta de Hintze-Salisbury, permanecia, pelo seu temperamento irreflexivo, na phase do patriotismo inconsciente.

Estava por concretar um grande ideal. No vago do sonho, só fallava o coração pela voz da phantasia. O pensamento, não. Mais uma vez se affirmava nas paginas—mais affectivas do que especulativas—da historia portugueza, o horror d'este povo por uma aspiração nacional profunda. Desvirtuada a politica pela infancia systematica dos governos, era necessario, e quasi honesto, isolar a ideia de politica da ideia do patria!

As desgraças nacionais não se consideravam como uma consequencia odiosa da incompatibilidade entre a nação e o rei; —eram a velhice de sete seculos, vvidos ao acaso dos tranbolhões historicos, expressos na aventura dramatica das nossas façanhas. Era o fatalismo da providencia, ou d'uma lei physiologica.

Mas o certo é que, n'um curto periodo de tempo, o paiz transformou-se profundamente. Quem, um pouco analista, descer ao seio das manifestações patrióticas, vê-se logo envolto n'uma atmosfera de revolução pura. Ninguém admittê já que o ideal politico se distinga do ideal patriótico. Todos comprehendem a correlação intima, harmonica, perfeita de duas coisas que se fundem n'uma aspiração suprema de felicidade nacional.

Bem se caparam os fôrmas de recommendar ao paiz, que se abstivesse de affirmações politicas, na apothose solemne que acaba de abençoar os heroes d'Africa.

E que fez o paiz? Ah! ouço ainda, e claramente comprehendendo, a eloquencia d'essa multidão que alli nas praças e nas ruas, imponente, sincera e soberana, disse áquelles soldados gloriosos, saudando a liberdade e a democracia:

—Ainda não acabou o vosso triumpho; no dia em que libertardes a patria para a restituirdes á soberania popular, então, ó bravos, tereis conquistado a immortalidade!

A. de Magalhães.

A Republica tem o direito de defender-se até contra o povo; porque o povo é a Republica d'hoje; e a Republica é o povo d'hoje e d'hontem e á Republica d'amanha.

Taes são os principios.

Victor Hugo.

Recuerdo

O memoravel dia de 31 de Janeiro de 1891 suggerê-me um arbitrio que recommendo ao sr. ministro da guerra. A Guarda Municipal foi d'uma heroidade unica com os patriotas do Porto n'aquelle memoravel dia.

Ora esta guarda, mandada para a nossa Africa, poderia prestar grandissimos serviços a Portugal.

E' possivel que n'aquellas paragens podesse exercer, mais á vontade, o instincto de força que a deshonra... perdão, que a domina.

Vá senhores; sigam para a Africa onde podem ser valentes.

G. Braga.

DATA MEMORAVEL

NOS somos os illuminados da Republica, os filhos sacrosantos da Liberdade.

A nossa alma é feita da luz suavissima do amor, da candidez lyrical do martyrio.

Evangelisamos n'um credo todo bondade, todo justicia, a Redempção humana.

Na nossa alma eleva-se o sanctuario das nossas crencas, e o Pantheon adoravel dos nossos martyres.

E hoje é o anno 3.º do nosso martyriologio de lagrimas e de dôres, d'esperanças e de tristezas.

Numa romagem de lucto vamos n'este dia ao nosso Pantheon, desfolhar pétalas de camelias no tumulo dos nossos martyres.

Elles teem nos labios o riso da esperança, e na frente a corôa do martyrio.

Vamos buscar alento para as novas luctas, alivio para as nossas dôres.

Na evangelisação do nosso ideal sigamos o seu exemplo de sancta abnegação, que faisca scintillações diamantinas, ao mostrar-nos a sublimidade das nossas crencas; e trilhemos a esteira luminosa que elles nos apontam na via-lactea do Pensamento.

A sua memoria veneranda de martyres, e a impolluta dignidade da sua abnegação, symbolisam a veneranda imagem das nossas crencas, a purissima dignidade do nosso amor patrio.

E o amor patrio, e as nossas crencas, constituem a constellação astral que se desenrola, fulgurantissima no firmamento azul que cobre a trindade augusta da Liberdade, Igualdade, e Fraternidade.

Pugnemos, pois, pugnemos sempre, para que um dia essa constellação envie a todos os portuguezes a luz consoladora das suas estrellas...

Porto—1896. M. d'Oliveira.

Um rei é uma sobrecarga; tudo d'um lado, do outro nada; fazer contrapezo a um homem excessivo; a insurreição não é mais do que um restabelecimento d'equilibrio.

Victor Hugo.

O que aquillo quiz dizer

QUAL a significação moral do acto revolucionario de 31 de Janeiro?...

—O paiz, esbofeteado pela Inglaterra, secular aliada da sua dynastia e secular rapinadora do nosso dominio colonial, sentiu, entre fremitos de indignação, a urgente necessidade de sacudir a tutela ingleza, estirpando de si os cancores da monarchia.

Esta, dizendo-se eleita de Deus e mantida pela graça divina, affirmava-se por uma especie de soberania independente como delegada directa do Absoluto para dominar as collectividades humanas.

Ora a revolução de Janeiro viu, tentado quebrar o sophisma constitucional da duplicidade da soberania, affirmar a aspiração para a integração do pensamento revolucionario, que é a destituição da soberania, dos delegados hypotheticos de Deus para a grande collectividade nacional.

O que deu a chamada graça de Deus em politica?...

—O arbitrio.

A revolução de Janeiro quiz substituir-lhe a liberdade.

Para manutenção d'esse arbitrio, pela força que lhe faltava, foi que a monarchia se encostou á Inglaterra, conservando-se no seu dispor á custa de trações e conveniencias vorgonhosas nas mais infames espoliações.

A revolução de Janeiro respondeu ao ultimatum ousado, affirmando á face da Europa surprehendida que Portugal já nada queria nem da Inglaterra nem dos seus alliados.

Mas passaram cinco annos, e tudo ainda na mesma!

Heliodoro Salgado.

BRADO DE PORTUGAL

31 DE JANEIRO DE 1896

Soldados expedicionarios no solo africano

... vós, ó bem nascida segurança da lusitana antiga liberdade!

vós, ó novo temor da maura lança, maravilha... da nossa idade;

... n'esse gesto vos contemplo

... um novo exemplo d'amor dos patrios feitos valorosos.

Camões—C. I, EE. 6 e 9—Lusiadas.

Dilectos filhos da gloria, lusos meus e meus guerreiros! ouvi, gravi na memoria os meus bravos altaneiros! Embora d'annos curvado, não quero ser ultrajado por outro estranho paiz: amo as terras que são minhas; nem ás longes, nem visinhas curvarei minha cerviz!

Minha terra... a minha terra no mundo não tem rival: andei-o na paz, na guerra, sem ver outro Portugal! Andei por Africa adusta andei por Asia velusta, não vi solo igual ao meu: na America, além dos mares, na Oceania, entre insulares, nunca vi tam lindo ceo!

Tive então dourados dias, tive fillos valorosos: assombrei as monarchias com meus feitos alterosos! Que falle por mim Quiloa, Mombaca, Melindé, e Goa, com Div, Damão, Ormuz; que falle Macau na China, Solor, Timor peregrina, onde eu fui alçar a Cruz!

Cada filho do meu solo nasce heroe, raio da guerra: não curva a ninguém o collo, do mundo nada o aterra! Na grande lucta romana teve a terra lusitana

Apimano e Cesarão: teve o grande Viriato, nome á patria sempre grato, morto de Roma á traição!

Nas guerras da independencia teve um Lourenço Espadeiro, um Regras d'alta sciencia, um Mendes Maia, fronteiro! Teve um Nun Alvros fantoso, sempre excelso e glorioso, das Hespanhas o terror; teve um Peres, um Roupinho, os Fafes Luzes do Minho, heroes d'extremo valor!

Com filhos tam extremados fulgi sempre em magestade: nunca foram suffocados meus bravos á liberdade! Foi com elles nos imperios d'ambos os dois hemispherios grande sempre Portugal: fazei vós, que d'ora avante não se murmure um só instante a lusa gloria immortal!

Tende arrojós d'um Mousinho, d'um Galhardo a valentia: imitai-lhes o caminho, e Machado na ousadia! Deixai-me livres os braços; cerceai-me os embaraços; que sem forças m'ós retém; postarei-me a vosso lado, embora velho soldado, fofoso como ninguém!

Cada tronco das montanhas, cada pedra das estradas, seja um padrão das façanhas pela patria effectuadas! Da lusa bandeira á frente surja guerreiro fremento cada peito portuguez: n'essas horas de batalha sirva o peito de muralha com heroica intrepidez!

Sejamos heroes altivos pelas patrias liberdades: imitemos os argivos nos rasgos d'heroicidades! Se nos virmos ultrajados, até os mortos myrrhados n'esse dia surgirão: que nem as mesmas ossadas soffrerão ser algemadas com peas da escravidão!

Pereira Caldas.

Os martyres da Republica

31 de Janeiro de 1891

PASSA hoje o luctuoso anniversario dos aguerridos batalhadores da ideia sublime da Igualdade.

Cinco annos são passados por sobre os gelidos cadaveres dos filhos da Republica; e até hoje nós, que commungamos as mesmas ideias, temo-nos limitado a desfolhar goivos e saudades sobre as suas campas.

E' justa esta homenagem prestada aos nossos correligionarios, do Porto, baluarte das liberdades patrias; mas é pouco, muitissimo pouco, para quem, como elles, dera a vida pela causa sacratissima da reivindicación dos direitos sociais.

Que vão as familias dos gloriosos extinctos cobrir de rosas os covões dos mortos queridos; e tratemos nós de por obras, e não por palavras, concluirmos o grandioso edificio da Liberdade.

Para lhes honrar o nome, temos que fazer mais alguma coisa que não seja desfolhar goivos e saudades...

Depois, levemos os seus ossos sagrados, porque são ossos de martyres e de sanctos sociais, para o Pantheon nacional.

E' alli que elles devem descansar eternamente.

Alerta e a postos: que o dia comancia esperado, está-se aproximando; e então que nenhum de vós hesite em dar o sangue das suas veias pela causa da Patria... pela Republica.

Se assim o fizermos, teremos cumprido o nosso dever, e honrado a memoria dos nossos queridos mortos, dos nossos idolatrados martyres.

Braga. Bento d'Oliveira.

INIMIGOS E TRAI DOBES

BATERAM-SE denodadamente, heroicamente. Foram vencidos porque encontraram inimigos, tiveram traidores.

Foi na madrugada do dia 31 de Janeiro de 1891, que uma legião d'homens de coragem e convicções, crentes fanaticos por um ideal sublime que traduz a verdadeira aspiração d'um povo, porque é firmado pela trindade augusta de Liberdade, Igualdade e Fraternidade; foi na madrugada do dia 31 de Janeiro, que essa legião de sinceros, e depois martyres, hasteou pela primeira vez em Portugal a sacrosanta bandeira da Democracia.

Bateram-se denodadamente, heroicamente. Foram vencidos porque encontraram inimigos, tiveram traidores.

Braga. J. Duarte.

31 de Janeiro

HOI ha cinco annos! Um punhado de valentes, e convictos, veio para a rua a bater-se pela Republica...

Vencidos vivem ainda alguns pelo exilio.

Outros morreram...

Foi ha cinco annos!...

E n'este dia consagrado a lagrimas pelos mortos, e a avigorar o odio pelos assassinos, nós os que sentimos as desgraças da Patria e as infamias dos primogenitos, enviamos uma saudação, nas gazetas do partido, aos restos gloriosos d'essa pleiade de valentes.

Dispendio de rethorica. Costumes da nossa terra.

O 31 de Janeiro deve ser o toque de clarim a cerrar fileiras.

Os mortos exigem vingança e as victimas de Leixões clamam Justiça. Vingal os, eis o nosso dever.

Vamos, pois, n'uma abalada vibrante contra os traidores, os únicos réos n'este paiz.

Nada mais. Coimbra, 96.

Arthur Leitão.

31 de Janeiro

(Fragmento)

O despotismo tyrannico dos reis é um attentado aos direitos da fraternidade humana...

Fenelon.

PASSA hoje o grande e memoravel dia em que um punhado de bravos, uma multidão de almas grandes purificadas pelo sentimento de liberdade, e a quem, nem a ambição, nem a vaidade, nem a vingança, mas sim a liberdade, fez bater denodadamente, cobrindo-os de louros e gloria: não a gloria dos vencedores mas a dos vencidos: Sim! porque souberam morrer por uma causa indo até ao ultimo momento da lucta, defendendo o seu ideal até gastarem o ultimo cartucho; batendo energeticamente, denodadamente, até que o sangue deixasse de lhe girar nas veias; mas nunca retirando do campo como bandidos nem depondo as armas como poltrões.

Sim! foram grandes; e a tão alto se elevaram, que ainda hoje são lembrados por aquelles que aspiram a ver no futuro a realização de tão santo ideal.

Coimbra XXXI—I—XCVI.

João Sylcio.

LIBERDADE E PORTUGUEZA

A Liberdade Eternidade, Em toda idade, Tem de gosar. Da Portugueza Maga belleza, Qual Marselheza, Ha-de durar.

O patrio povo Em culto novo Quer a primeira, Mas verdadeira, Com a segunda Que o peito inunda D'alma alegria. N'este aureo dia.

31—1—96.

Anselmo Esperança.

CRENÇA

PARA os crentes d'um ideal sublime, como é o de todos os republicanos portuguezes, a data de 31 de Janeiro tornou-se historica, como o deveria ter sido nas paginas do codigo da nação.

Ainda brilha, refulgente, a formosissima aurora d'este dia em 1891; é ella o planal esperancoso para nós que só acreditamos na grandeza da Patria, quando d'esta aurora surja fulgurantissimo o sol da Liberdade, Igualdade e Fraternidade.

Luctadores incansaveis em pró do nosso Ideal; sempre firmes no nosso posto, e oprimidos, deslumbra-nos, no horizonte, o clarão de luz que, um dia, espantará as sombras que tanto nos torturam: e n'esse dia, que será o da felicidade da nossa querida Patria, levantaremos bem alto o nosso brado para saudar Portugal, resurgido d'esse immenso lodacal de miserias a que o arrastaram... governantes e governados, ambiciosos uns, e pusilanimos outros.

Até que surja esse dia, luctaremos sempre pela republica: entretanto, onsnaremos a nossos filhos o que devem á Patria.

Carneiro Braga.

Conforto de prece

Os mortos no Porto As mãos de tração, Da prece o conforto Do nós o terão.

E' d'alma nascido E d'alma enviado, Igual transmittido Ao povo, ao soldado.

Mondim, 24—I—96.

J. Girão.



O DIA DE HOJE

É de festa e de lucto, é de dores e de alegrias, um mixto de maguas fundas e de esperanças risonhas.

É de festa, por ser o V anniversario d'essa malograda tentativa revolucionaria, em que se affirmou perante toda a Europa que Portugal não está disposto a tolerar o despotismo; é de lucto porque é egualmente o V anniversario do passamento d'aquelles que pagaram com a vida o seu generosissimo esforço.

É de maguas fundas por que no fundo d'uma cripta funeraria, jazem as ossadas d'esses gloriosos martyres, que, se fallassem, tinham o direito de nos accusar, e fal-o hiam, visto deixarmos volver cinco annos sem continuarmos a sua grande obra; é de risonhas esperanças, porque não longe, surge, radiante, um novo horizonte; e uma nova alvorada parece annunciar a nehumna popularidade dos que nos governam, como nittisado foi, ainda ha dias, nas festas d'este povo, em que os galopins da situação tiveram que se arrender, da tentativa de exploração d'essas sympathicas manifestações em proveito da familia de Bragança.

Que ao campo santo, onde poisam os restos dos que luctaram pela desalgemação d'esta patria infeliz, não falte um só dos nossos corréligionarios a verter sobre a terra, sob a qual se decompem os nossos martyres, as lagrimas de saudade, jurando-lhes que nas cerradas columnas da democracia pensa-se em vingal-os e não de vingar-se.

Esta n'isso a nossa apothecose aos martyres de uma tao grande como potente causa; vae n'isso o nosso desforço.

É amanhã, quando a democracia assentar em Portugal os seus arraives de moralidade e civismo, coisas que já desapareceram com o actual systema, ha muito, que a Patria glorifique aquelles que a regaram com o seu sangue.

Até lá, saibamos esperar, porque o saber esperar é tambem uma virtude. O futuro pertence, positivamente, á Republica. Só os obsecados não vêem isso; só os velhacos o fingem desconhecer.

Hespanha—Vigo, Janeiro, 96.

*Graça e Cruz*

A ordem do dia amanhã e sempre é a proclamação da Republica Portuguesa.

Dr. Eduardo d'Abreu.

Licção

DESDE bem pequenina, minha mãe me ensinou a amar muito meus irmãosinhos; a respeitar todas as pessoas, praticando na minha presença todas as obras de caridade que o seu coração lhe determina; porque o coração de minha mãe é d'um anjo.

Um dia que fomos ao Porto, ha perto d'um anno, passamos pelo largo do Carvão (não sei se será este o nome que se dá ao largo que tem um fontanario com os leões a deitar agua pela bocca) e costumando ella ser agradável para todos, mostrou-se indignada ao ver uns seis ou sete soldados da Guarda Municipal. Perguntando-lhe eu o motivo da sua repugnancia com aquelles soldados respondeu-me: Respeito toda a gente; amo-te ati e teus irmãosinhos; sinto-me alegre quando pratico o bem que posso, mas não os posso ver, por lhes ter odio, os municipaes por causa do mal que fiseram no dia 31 de Janeiro de ha 4 annos (isto foi em 1895 no mez de março).

Portanto, já que fizeram tanto mal estes soldados, a ponto de serem aborrecidos por minha mãe, eu tambem os aborreço e tenho ensinado meus irmãosinhos a aborrecer os municipaes.

Braga—31—96.

*Antonia Candida.*

A insurreição só é um direito com a condição de ter diante de si a verdadeira revolta, que é a monarchia.

Um povo defende-se contra um homem; é Justo.

Victor Hugo.

Cinco annos

Cinco annos são passados Em que em nosso Portugal A Bandeira federal Tremulou com galhardia. Houve lucta noite e dia Com denodo sem pavor; Mas apesar do valor Ficou de roxo a Bandeira Na tentativa primeira D'um punhado de soldados. Mas o povo em Portugal Com novos heroes cantando Vae constante trabalhando Pela lucta redemptora, Que retorne vencedora A Bandeira federal.

Chaves, XX—1.—96.

*Elycio Augusto.*

Aos vencidos

É dos tempos e da historia, os povos gravarem em monumentos indeluctiveis os acontecimentos mais notaveis da sua patria. O 31 de Janeiro, como marco milliario que aponta a um povo o caminho a seguir, se esse povo não quer morrer ignominiosamente as mãos da tyrannia, é incontestavelmente uma data digna de ser gravada em monumento grandioso, que tenha por padrão os nomes dos valorosos soldados d'essa revolução.

Braga *Simões d'Almeida.*

31 de Janeiro

HA 5 annos, no dia de hoje, um punhado de patriotas sinceros, corações impollutos e intemeratos, almas ardentes e nobilissimas, vibrantes de enthusiasmo pela grandeza da sua Patria, n'um arrojio de sublime audacia, escreveram simultaneamente em caracteres de sangue, sob as boccas hiantes da artilheria inimiga, o Evangelho do Povo escravizado, e o anathema do despotismo:—a revolução!...

Exemplo ao povo, e gloria aos vencidos

Braga. *Salles Moniz.*

VERMELHO E VERDE

«Celeste tenho o berço verdadeiro ..... nascimento... primeiro» CAMÕES—C. 4. E. 74—Lusiadas.

NÃO foi escolha do acaso o conjuncto das duas cores do estandarte republicano — a VERMELHA e a VERDE.

Os devotados d'alma e coração ao triumpho republicano, como aurora polar das liberdades populares, assumiram das auroras polares com que a natureza nos maravilha, e nos assombra com seus brilhantismos deslumbrantes, essas duas cores complementares do triangulo chromatico de Brewster, que são millarios salientes nos extremos do espectro peculiar d'essas auroras da natureza.

São característicos o VERMELHO e o VERDE, como padrões fulgurantes d'esse maravilhoso phenomeno luminoso e electrico; e o comprovam as observações recentissimas de que nos dá conta minuciosa Emilio Alglave, confirmando as leis espectroscopicas de Bravais e Weyprecht.

Para os militantes ao resguardo do estandarte republicano, são tambem o VERMELHO e o VERDE os padrões galvanisadores do seu heroismo patrio, communicando-lhes simultaneamente calor e brilho, magnetismo e luz, para sobre os escombros do despotismo, e da tyrannia, firmarem o rotulo symbolico da **LIBERDADE, EGUALDADE, e FRATERNIDADE** — proclamadas ao povo inicialmente pelo Martyr Sublime do Calvario, para redempção universal da humanidade.

*Pereira Caldas.*

Na monarchia, a insurreição é a legitima defesa; na Republica a insurreição é o suicidio.

Na Republica toda a insurreição é culpada.

E' a batalha dos cegos.

E' o assassinato do povo pelo povo.

Victor Hugo.

N'uma soirée

Um republicano da manhã, no dia 31 de Janeiro de 1891 é monarchico a tarde d'esse mesmo dia, pretendia fazer a corte a uma gentil senhora, n'uma sala de baile, na occasião de servir-se o chá.

—V. Ex.<sup>a</sup>, minha snr.<sup>a</sup>, dá-me a honra de servir-se d'estes bellissimos biscoitos emigrados?

—Não, cavalheiro; não sirvo, por que não quero *comer* meu marido, que tambem é emigrado.

Que? V. Ex.<sup>a</sup> é esposa d'um emigrado, sendo seu marido... monarchico?

—Tal qual como V. Ex.<sup>a</sup>, cavalheiro; meu marido emigrôu

já duas vezes: era progressista: fez-se republicano e pouco tempo depois fez-se *barriga*, perdio... fez-se regenerador. Já vê que fez como V. Ex.<sup>a</sup>, que tambem é emigrado.

—Quer dizer que tambem me não quer *comer* a mim?

—Não cavalheiro, porque para o *comer*, era preciso que eu tivesse casado com um municipal.

*M. Martins*

31 de Janeiro

HOJE, dia sagrado para todo o bom portuguez, eu venho jurar sobre o tumulo das victimas da gloriosa revolução de 31 de Janeiro, eterna dedicação pela causa republicana; e mais uma vez protestar energicamente contra os abusos praticados por aquelles, que com um descaro tão revoltante, se apoderam do governo da nossa desventurada patria. Vingança para os mortos, e liberdade para os vivos.

Povo de Lanhoso. *Arthur Carlos Brandão.*

TELEGRAMMA

PARIS, 30 de Janeiro de 1898  
A' Redacção d'A Patria

BRAGA.

A Revolução de 31 de Janeiro obedeceu a intuits largos, patrioticos e generosos. Foi a primeira tentativa séria para libertar o povo Portuguez da tutela humilhante dos que o exploram, a titulo de governo. Repetila, com melhor exito, será uma obra de salvação publica, para a qual deverão convergir todos os esforços dos cidadãos que antepõem os altos interesses nacionaes ao egoismo estreito dos partidos dominantes. Applaudo a iniciativa d'A Patria; e envio aos seus redactores, com a manifestação do pessoal reconhecimento, o testimonho da minha solidariedade politica.

*Alves da Veiga.*

SAUDAÇÃO

Aos martyres, SAUDADE.

Aos vencidos, CONFIANÇA.

Aos portuguezes, LIBERDADE.

Aos republicanos, ESPERANÇA.